**NO FIO DO TEMPO**

A história da arte, todos o sabemos, estrutura tradicionalmente o seu discurso mediante um eixo temporal no qual situa e relaciona os objectos artísticos que classifica e caracteriza como pioneiros, modelares ou seguidores, em função de critérios associados à sua origem e ao modo como se desenvolvem. Não é o momento para debater tal procedimento nem para analisar a renovação já ocorrida no seu âmbito.

A crítica da arte, sem instaurar idêntica espessura temporal, baseia parte do seu discurso monográfico na descoberta daquilo que se altera e daquilo que subsiste na obra de um artista, na dose de constância e de errância que pode ser-lhe atribuída. A classificação que resulta deste exercício, embora diversa daquela que a história da arte promove, não deixa de incluir ou de excluir determinadas propostas num quadro de consenso cultural, em função da coerência e firmeza de propósitos, entre outros critérios.

Ao observar o trabalho que Victor Costa apresenta nesta exposição antológica, não pude deixar de evocar os dois modelos e de pensar como se relacionam os eixos da mudança e da permanência na sua obra. O livro que a pretexto da exposição se publica encontra-se pois organizado em termos cronológicos, propiciando um panorama da obra do artista, o seu desenvolvimento e as mutações que foi apresentando. Paralelamente às imagens reproduzidas, uma selecção dos textos críticos, escritos desde 1997 até ao presente, proporciona uma visão abrangente do modo como se consolidou o entendimento crítico deste trabalho.

O jogo entre o que se perde e o que se ganha é um acto contínuo na análise da obra de um artista que nos conduz sempre a um lugar diferente e distante daquele em que nos encontramos, onde o conhecimento é outro. No entanto, no lugar e na circunstância que são os nossos, podemos divisar um pintor que articula passado e presente e os valores que em cada momento se tornaram dominantes:

a liberdade que vivia na superfície da sua pintura transformou-se numa busca de planos e de marcações mais rigorosas;

a atmosfera fluida que os seus trabalhos ostentavam transformou-se numa densidade pesada e grave;

o espaço museológico que era o seu, em que objectos ou os seus signos pousavam na pintura, transformou-se num espaço que tudo integra, numa malha consistente.

Estas mudanças apenas inferem um artista atento e seguro que faz evoluir a sua obra mediante o nexo que os valores já explorados estabelecem com novos motivos de interesse.

A proporção dos elementos é diversa ao longo do tempo e determinará, provavelmente:

menos tempo e mais espaço,

menos memória e mais presença,

menos celebração e mais vivência directa.

Estas variações apenas nos recordam a natureza não linear da condição artística e do seu carácter investigativo.

Victor Costa desenvolveu o seu percurso artístico paralelamente a uma carreira como professor da escola em que se formou, a Escola Superior, depois Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Esta actividade acompanhou uma frente de trabalho distinta, onde a formação artística enquadrada pela indústria estava ao serviço da produção de objectos de design. Finalmente a sua presença no meio cultural afirmou-o como director do Centro de Arte de S. João da Madeira, instituição situada na localidade onde reside, responsável por uma programação expositiva de carácter contemporâneo.

Impossível seria se a pintura e o desenho produzidos não sofressem as mutações inevitáveis de quem actua nestes domínios e de quem se empenha na criação, na formação e na divulgação da arte.

**ENTRE OS ANOS 80 E OS ANOS 90**

**A FUNDAÇÃO DO CAMPO PICTÓRICO**

Nos primeiros anos da década de 80, a pintura de Victor Costa desconhecia o poder e a insinuação dos elementos figurativos e alimentava-se de grandes manchas, pinceladas, gestos que fundavam campos pictóricos.

A fluidez da matéria e o sentido rítmico da sua disposição apontam para uma abstracção lírica que muitos artistas formados na Escola portuense de Belas Artes praticavam por esses anos. Percebe-se nos trabalhos iniciais uma prática tributária da aprendizagem académica de que Victor Costa se libertaria em favor de uma linguagem autoral progressivamente afirmada.

A pintura consistia na organização de superfícies onde o pintor se expunha e se revelava na intensidade e na direcção que imprimia a cada movimento feito, a cada gesto esboçado.

Gradualmente foram aparecendo elementos que, não apenas reorganizavam o suporte da pintura, como introduziam uma relação com o mundo, os lugares, a vida, o artista.

Às áreas abstractas de pintura, tratada de forma orgânica, foram-se sobrepondo, primeiro timidamente e depois com maior evidência, elementos lineares, no apelo a um certo desenho. Alguns autonomizam-se no interior de manchas que configuram um espaço próprio para a sua aparição. E a obra ganhava em densidade e referências, fornecia mais informação e interpelava mais o espectador.

**NA PASSAGEM DE SÉCULO – ANOS 90 A 2007**

**PINTURA, VIAGEM E IDENTIDADE**

Na segunda metade da década de 90 novas configurações invadiam a pintura de Victor Costa. Era o tempo das viagens – Índia, Ilha de Moçambique e outros destinos longínquos – manancial vivo de pretextos para a pintura que levariam a que durante cerca de uma década se assistisse à estruturação de signos, sinais, marcas identificadoras dessas paragens, lançados numa atmosfera pictórica de diferente cunho. Era o tempo em que a memória agia para colocar na superfície da pintura, vestígios do lugar por onde se passou e onde se viveu. Elementos arquitectónicos, decorativos, vegetalistas ou simples notas de cor instalavam-se, emergiam ou sobrepunham-se numa superfície laboriosamente pintada com que dialogavam os sinais de teor gráfico.

A identidade dos lugares acabou por fornecer à pintura de Victor Costa a sua identidade, convertendo o campo pictórico num campo de símbolos criados pelo pintor que tanto remetem para as paisagens geográficas e humanas por onde passou, como para o seu código de identificação. Sem os nomear, os lugares estão lá e a pintura é um modo de a eles aceder.

TEXTOS

Fátima Lambert – Índia, 1997

Laura Castro – Memórias do Tempo, 2000

Sherman Sam – Been there, seen that, 2001

Fernando Pernes – Os Lugares do Desenho, 2002

João Pinharanda – Imagens do Tempo, 2004

Luísa Soares de Oliveira – Travelling, 2006

Robert Casselton Clark – Trabalhos recentes, 2007

**DE 2008 EM DIANTE**

**A PINTURA E A CONSTRUÇÃO DO MUNDO**

Aí por 2008, formas novas começaram a aparecer no trabalho de Victor Costa, dando origem ao que se encarou como um novo ciclo de pinturas e desenhos. A referencialidade dessas formas leva-nos até ambientes de periferia urbana, núcleos industriais, instalações portuárias, armazéns e entrepostos onde elementos pesados e materiais brutos se avolumam, sobrepostos, encaixados ou pousados lado a lado. Dos contentores do porto de Leixões às peças industriais e de construção, as formas que atraíram a atenção de Victor Costa, trazem em si a força e o poder da sua natureza de módulo e de molde. São formas de valor estrutural que se articulam como palavras numa frase, requerem uma determinada lógica de associação, formam padrões, instauram jogos de cheios e vazios, e de figura e fundo.

Haveria pretexto mais viável para um pintor que sempre explorou a construção da pintura, nas suas camadas, adições, transparências e decapagens? Detecta-se um elemento novo, mas percebe-se que ele foi ao encontro dos interesses do artista porque esses correm subterraneamente e não se alteram com facilidade.

Os elementos plásticos que invadiram a sua pintura, entre geometrias e ritmos, correspondem a objectos existentes fora dela, já se disse. O pintor regista-os, fotografa-os, pára em frente a eles e fixa-os para, mais tarde, os integrar no seu trabalho. A dimensão estética funda-se na experiência e no vínculo com a vida.

Haveria motivo mais praticável para um pintor que sempre retirou da viagem aspectos destinados à sua obra, depois de essencializados e reconfigurados? Assinala-se um elemento novo, mas a deslocação do artista pelo território manteve-se no núcleo do seu processo.

TEXTOS

Luísa Soares de Oliveira – Geometrias Abertas, 2009

José Luís Porfírio – O Fluir da Pintura, 2010

Luísa Soares de Oliveira – O Teorema da Cor, 2010